

Estrelas acadêmicas e políticas questionam a economia

Carlos Alberto Sardenberg

SÃO PAULO — Quando um plano econômico não dá certo, troca-se o economista responsável. Sai um desenvolvimentista, por exemplo, e entra um monetarista. Tempos depois, faz-se o movimento contrário. Isso é o que tem acontecido não apenas no Brasil, mas por toda parte, numa atitude que revela fé inabalável na ciência econômica. Nunca se desconfia do rigor dessa ciência, intocável. Sempre se culpa um determinado economista, convenientemente criticado por outro economista por não ter percebido certas verdades. E assim eles vão se alternando, já que a memória do público parece curta. O que ocorria, entretanto, se descobrissemos que o problema está na própria ciência? Aliás, que ciência?

Essa é questão a ser levantada pelo Seminário "Democratizando a economia, discurso e praxis", que a partir desta terça-feira, dia 26, e até a quinta, dia 28, reúne na Universidade de São Paulo uma constelação de estrelas acadêmicas, nacionais e internacionais. Promovido pelo Instituto de Estudos Avançados da USP e pelo Programa América Latina do Woodrow Wilson Center, de Washington, o seminário não pretende propriamente dinamitar a economia. Pretende, porém — observa o historiador norte-americano Richard Morse, um dos organizadores do encontro — instaurar alguns direitos, como "o sagrado direito de um antropólogo de falar de economia".

Ficção e realidade — Desta vez, portanto, não será uma reunião de sábios da economia para discutir as soluções dos problemas da América Latina, explica Guilherme Mota. Os temas serão anteriores a isso. Por exemplo: "Economia e felicidade", assunto da sessão matutina da quinta-feira. Ou então, "Vozes do povo e vozes dos especialistas", título da sessão vespertina desse mesmo dia. Ou ainda, "Humanizando a ciência mal-dita", tema da sessão inaugural, na terça, às 9h30min. Claro que se tratará também das teses clássicas de um encontro de economistas — inflação, esforços de estabilização, estado e mercado livre etc. — mas sempre procurando uma abordagem interdisciplinar.

Já o professor Morse, um intelectual que transita com intimidade da filosofia para a música, da literatura para a sociologia, da teoria sobre as cidades para a política, prefere que o seminário tenha subtítulos informais, "meus subtítulos", diz: "A economia como ficção" e "A ficção como realidade." Talvez, especula, poetas e romancistas conheçam o povo melhor do que os economistas. Em todo caso, virá o poeta mexicano Gabriel Zaid, para apresentar um texto no painel "Economia e felicidade." Verdade que é um poeta misto de economista e homem de negócios, autor dos livros "O progresso improdutivo" e "A economia presi-

dencial." Domina estatísticas, "essas ficções", diz Morse, mas fala de economia de uma maneira bíblica, através de parábolas. É surpreendente e mesmo divertido, conta Morse, lembrando-se dos textos em que Zaid compara a família do economista com a família do camponês.

Será no mínimo curioso observar as reações que as idéias de Gabriel Zaid provocarão em sua companheira de mesa, a professora Maria da Conceição Tavares, economista pura, radical e que, por assim dizer, não faz economia na veemência e na força de sua argumentação.

Uma piada — Morse também chama a atenção do público brasileiro para o conferencista da primeira sessão, dia 26, o antropólogo Steven Gudeman, dos Estados Unidos, que tem se dedicado ao estudo de populações na Colômbia e Panamá. Em particular, fez pesquisas sobre a linguagem, identificando as palavras pelas quais um certo povo se refere a fatos econômicos. Observa, por exemplo, que certas populações não usam a palavra lucro ou qualquer equivalente a isso. Que tal uma comparação entre a linguagem do povo e a linguagem dos economistas, referindo-se à mesma realidade econômica? — sugere Morse. "Isso acaba mudando a própria realidade", acrescenta, manifestando aí seu gosto pela reflexão.

A sessão vespertina da terça-feira se realizará sob o tema "Retórica na economia" e a primeira conferência será do professor Donald McCloskey, dos Estados Unidos, que analisará o texto dos economistas, inclusive de alguns brasileiros. "Ele tem feito cursos de crítica literária para analisar o discurso econômico", conta o professor Matthew Shirts, assistente do Programa América Latina do Wilson Center. Entre os comentadores estarão o filósofo Bento Prado Jr. e o economista Roberto Macedo.

A constelação de acadêmicos internacionais inclui, entre muitos outros, os economistas argentinos Roberto Frenkel e José Luís Machinea, articuladores do Plano Austral, o historiador cubano Manuel Moreno Frigual, e o chileno Alejandro Foxley, um presidenciável se o Chile voltar à democracia.

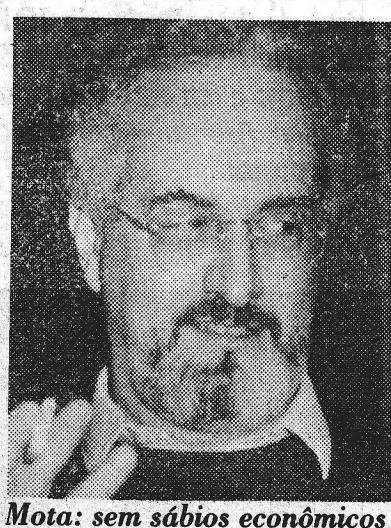
E não seria o caso de incluir no grupo algum humorista, tipo Woody Allen ou nossos Luís Fernando Veríssimo e Millôr Fernandes, desses que com uma piada lançam uma faísca de dúvida sobre as coisas mais sólidas, como é a economia? O professor Morse gosta da pergunta, seu rosto ganha uma expressão marota, os olhos acendem. E dispara: "Ora, o humorista sou eu." E solta uma risada divertida, enquanto observa, satisfeito, o efeito da tirada entre os professores reunidos numa das salas do Instituto de Estudos Avançados. Está certo. Não é mesmo uma boa piada chamar economistas para que ouçam a opinião sincera de poetas, filósofos e antropólogos sobre a suposta ciência econômica?



São Paulo — Fotos de José Carlos Brasil



Morse: humorista sou eu



Mota: sem sábios econômicos